

ARTIGOS



A Utilização do Corpo Feminino como Suporte de um Discurso Político nas Artes Visuais

Letícia HONÓRIO, *Universidade Federal de Santa Maria*

O presente artigo tem como objetivo a investigação sobre a utilização do corpo feminino como suporte, e/ou disparo de um discurso político no espaço das artes visuais. O artigo traz a importância da arte feminista nas mudanças que envolvem a crescente desconstrução em relação à representação idealizada do feminino como veículo de controle, de heteronormatividade. O presente trabalho aborda artistas que discutem diversas linguagens do campo das artes visuais e possuem um papel fundamental nessa desconstrução da representação do feminino, como: Jenny Saville, Hannah Hoch e Hannah Wilke. Todas trabalham, à sua maneira, com o papel da mulher na sociedade, questionando o espaço que lhes é dado e a utilização desse pelas mesmas.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Feminino. Corpo. Desconstrução. Heteronormatividade.



A arte sempre teve o papel de comunicar, é uma prática discursiva que molda diversos padrões e princípios socioculturais de uma sociedade. A história da arte esteve por muito tempo sobre o predomínio de artistas homens, que costumavam trazer para suas obras reflexos de um meio predominantemente masculinizado. Segundo Simioni (2008, p. 29) “durante o século XIX, a arte parecia ser uma profissão exclusivamente masculina... as poucas mulheres que ousaram ingressar nesse sistema dominado pela academia eram julgadas por seus pares de modo pejorativo, como amadora”. Com isso, a objetificação do feminino na arte não é algo incomum, até mesmo a partir da inclusão de algumas mulheres neste meio. Temos na história da arte diversas obras com a clássica figura da Vênus, como na reconhecida pintura de Sandro Botticelli “*O Nascimento da Vênus*”¹. Nessas obras, a maioria dos artistas se apropriaram dessa misticidade dessa entidade para retratarem o nu feminino. Nestas e em outras obras a mulher é representada como um ser inocente, puro, pacificado, que divergem com a figura do homem empoderado, onipotente. Há também a imagem da mulher sedutora, que era tida como uma “tentação” ao homem, o que evidencia o caráter erótico que acompanha diversas obras. Vemos um exemplo na obra de Édouard Manet “*Olympia*”², onde o artista apresenta a figura de uma provável prostituta acompanhada de uma escrava. Elas carregam uma “verdade absoluta” em que as mulheres são representadas conforme o desejo masculino, criando um estereótipo feminino nas artes, e com isso eles, os homens, buscam deter o poder sobre suas ações, seu corpo e sua sexualidade.

O sociólogo Pierre Bourdieu afirma em seu livro, *A Dominação Masculina* (1998), que “uma relação desigual de poder comporta uma aceitação dos grupos dominados, não sendo necessariamente uma aceitação consciente e deliberada, mas principalmente de submissão pré-reflexiva”. Ao final do século XIX, e no início do século XX, as mulheres começam a ter uma maior participação em algumas atividades, anteriormente com predominância masculina, como a entrada no mercado de trabalho, acesso a instituições de ensino, isso ocorre também nas artes. A partir daí inicia-se uma inquietude por parte das mulheres, que começam a questionar-se sobre as posições que ocupavam na

1 *O Nascimento da Vênus*, 1486, Têmpera sobre tela, 172,5 X 278,5 cm, Galleria degli Uffizi, Florença.

2 *Olympia*, 1863, Óleo sobre tela, 130,5 X 190 cm, Museu d'Orsay, em Paris.



sociedade e onde realmente queriam estar. Isto reforça-se com o movimento feminista nos anos 60, que na arte, assim como no espaço social em geral, vêm trazer significativas mudanças em relação à participação da mulher e à forma que ela é, e quer ser vista. É neste momento em que as mulheres começam a requisitar algo que deveria sempre lhe pertencer, o poder sobre seu corpo, sobre si mesma. Ainda hoje é objetivo da luta feminista, o poder sobre seu corpo, suas ações e seus desejos. Na arte, o uso do corpo e da imagem feminina começa a se interligar, inicia-se uma busca pela desconstrução do estereótipo anteriormente construído e aumenta gradativamente a procura dos recursos artísticos como espaço de fala para tal luta. A seguir será abordada essa relação do corpo feminino nas artes visuais, após o movimento feminista.

Arte Feminista: o uso de uma Nova Imagem

Com o crescente aumento do aparecimento de artistas mulheres no século XX, através do movimento feminista, iniciou-se o movimento da arte feminista que pretendia dar mais visibilidade para essa arte feita por mulheres e sobre mulheres. A arte feminista é, sobretudo, desconstrução de códigos artísticos e discursivos (NEAD, 1998). O movimento deparou-se com diversos pré-conceitos a serem desconstruídos, como a representação do corpo feminino, a escassa aparição de mulheres artistas na História da Arte, a falta de disponibilidade de espaço para a exposição destes trabalhos feito por mulheres, e a aceitação destes perante a comunidade artística e sociedade em geral. Segundo Linda Nochlin “a falta de grandes conquistas de mulheres na arte pode ser formulada como um silogismo: se as mulheres tivessem a pedrinha de ouro do gênio artístico (golden nugget), então esse se revelaria. Mas como nunca se revelou, fica demonstrado que as mulheres não têm o gênio artístico” (1971: p.26). Um exemplo desse início de arte feminista é a artista alemã Hannah Hoch³, representante do movimento Dadaísta e precursora do uso da fotomontagem. Com suas obras, Hoch desafiava as representações culturais das mulheres, ela preocupava-se com as possibilidades da mulher na Alemanha moderna.

3 Hannah Hoch nasceu em 1 de novembro de 1889 em Gotha, na Alemanha. Veio a falecer aos 88 anos em 31 de maio de 1978, Berlim, Alemanha.

Figura 1: Hannah Hoch, *Mutter*, 1930, Fotomontagem.⁴

Hoch abordava em suas obras a ideia de uma mulher "incompleta" que detinha quase nenhum poder sobre si, nem mesmo sobre o controle reprodutivo. Nos apresentava um corpo transfigurado, um corpo comum, que não era o modelo de beleza da época. A obra acima, *Mutter* (1930), retrata um torso de mulher com a face coberta com uma máscara, onde é possível ver somente um olho e a boca. Na época chegou-se a levantar a hipótese de que a artista teria feito um "auto-retrato" questionando a identidade feminina, pois apesar de deter uma grande produção, Hoch enfrentava o mesmo problema que outras artistas mulheres, vivia às sombras de um artista homem, Raoul Hausmann⁵ com quem teve um relacionamento extraconjugal, por parte dele. Hoch buscava também em suas fotomontagens levantar a crítica ao uso da imagem feminina na publicidade de cosméticos e produtos em geral, os quais eram grandes propagadores dessa ideia de um padrão de beleza, de um corpo "à venda" que o movimento pretendia desconstruir.

4 Fonte da Figura 1: <http://mhsartgallerymac.wikispaces.com/Collage>

5 Raoul Hausmann foi um artista plástico, poeta e romancista Austríaco, nasceu em 12 de julho de 1886 e morreu em 1 de fevereiro de 1971.



Hoch assim como outras artistas do período inicial do movimento, foram as precursoras na tentativa de acabar com essa ideia de dominação visual perante o corpo feminino, foi a partir das fotomontagens que ela representou um olhar para outro tipo de corpo, não aquele corpo erotizado, desejado por homens, de uma mulher hipoteticamente submissa e conformada. Mas, sim o corpo de uma mulher livre, livre para ser triste, para ser feliz, para estar com raiva, para não querer estar na "moda". Hannah encontrou então no Dadaísmo um ponto de partida para expor suas críticas, como cita Roters:

É certo que o encontro inicial com Dadá deu, sem dúvida, uma diretriz à arte de Hannah Höch e levou-a a descoberta das capacidades criadoras. Porém, foram precisamente os seus próprios princípios criadores que lhe fizeram reconhecer a afinidade com o Dadá; esses mesmos princípios que obedeciam ao seu caráter e às suas tendências artísticas, cuja afinidade seletiva a conduziria temporariamente ao Dadá, foram também aqueles que depois a levaram a afastar-se pouco a pouco do Dadá e a seguir seu próprio caminho. (ROTTERS, pg.65)

O Corpo por um Outro Viés

Com o surgimento da *bodyart*, e partir dos estudos de gênero, que afirmam que o gênero é uma *construção social* (BEAUVOIR, 1949), o movimento foi se transformando. O feminismo também trata de questões que não envolvem só às mulheres, mas de questões sociais que também buscam emancipação como a política sexual de gays e lésbicas, as lutas raciais de negras e negros, e os debates sobre as classes sociais. O uso do próprio corpo feminino como instrumento da arte abriu espaço para mais uma conquista da arte feminista. A apropriação de seu corpo como matéria-prima para o seu fazer arte é empoderador, contrapõe a objetificação de mulheres pretendida por homens. Uma artista que podemos citar deste período é a Hannah Wilke⁶, americana, reconhecida pelos seus exemplares das "Vulvas" de terracota, que são algumas das primeiras disseminações da imagem de uma vagina explícita em uma obra, no meio artístico. Isso já demonstra a libertação do corpo feminino na arte, a aceitação e a desinibição de algo antes "temido". Da exploração da própria sexualidade, do conhecimento sobre o corpo feminino, que anteriormente era um saber que só cabia aos homens legitimar. A obra

6 Hannah Wilke nasceu em 7 de março de 1940, em New York, e morreu em 28 de janeiro de 1993, em New York, nos Estados Unidos da América.

“*Sweet Sixteen*” (1978) faz parte da série de vulvas feitas de terracota, onde a artista busca explorar a diversidade e a individualidade do corpo feminino.

Figura 2: Hanna Wilke, *Sweet Sixteen*, 1978, Terracota, Hannah Wilke, Collection & Archive, Los Angeles.⁷



Wilke também era fotógrafa e artista performática, outra obra importante sua é a “*Starification Object Series*” (1974), onde ela une-se com diversas miniaturas de vulvas feitas com o chiclete, e após isso ela fotografa 50 pin-ups. A sensação que as fotos passam é de que as vulvas parecem cicatrizes tribais, com isso Wilke tenta desconstruir esse padrão de beleza americano.

⁷ Fonte da Figura 2: <http://www.hannahwilke.com/id28.html>

Figura 3: Hannah Wilke, *Starification Object Series*, 1974-82, Fotografia, Hannah Wilke Coleção e Arquivo, Los Angeles.⁸



Wilke recebeu algumas críticas em relação ao modo que se auto fotografava, que às vezes assemelham-se as fotos com modelos, fato também ocorrido pela sua beleza que faz parte do padrão estabelecido pelas propagandas publicitárias, moda e toda a sociedade em geral. Mais tarde, a artista desenvolve um linfoma, e após o tratamento de quimioterapia e um transplante de medula óssea, a artista decide fazer seu último trabalho, o “*Intra-Venus Séries*” (1992-1993). Nessa obra a artista utiliza-se da sua deterioração para questionar os procedimentos clínicos, a relação estabelecida com a imposição de um padrão de beleza e a configuração dos tratamentos médicos fornecidos às mulheres.

⁸ Fonte da Figura 3 :<https://www.moma.org/interactives/exhibitions/2010/originalcopy/works10.html#1>



Figura 4: Hannah Wilke, *Série Intra-Venus*, 1992-1993, Fotografia, Institute of Contemporary Art, Los Angeles.⁹



A obra abrange toda uma ressignificação do corpo perante suporte e também finalização de um processo ocasional que a artista fortemente explorou. Wilke utiliza-se do próprio corpo na tentativa de um discurso com a sociedade, a partir das ações sobre seu corpo, a artista mostra uma mulher que se aceita, que luta contra os estereótipos e que se empodera.

O Corpo como Subjetividade

Na contemporaneidade a mulher já atingiu certos espaços e a lutar por direitos é constante. Nas artes não é diferente, a utilização do corpo feminino nas performances, instalações e outras linguagens, propagou-se fazendo com que a ideia artística de um corpo feminino ficasse cada vez mais subjetiva. A construção de um corpo feminino com base somente nas características biológicas femininas é questionada. Ainda há padrões de beleza, e talvez seja utopia pensarmos em uma sociedade sem esses paradigmas excludentes, mas a inserção das mulheres nos meios sociais em busca de autonomia, de controle sobre si própria, nos leva a problematizar não só as características estéticas dessa

⁹ Fonte da Figura 4: <https://www.artsy.net/artwork/hannah-wilke-intra-venus-series-number-6-february-19-1992>



(des)construção, mas também o caráter político. Pensarmos em um corpo subjetivo é pensarmos na reconfiguração de um sujeito pré-existente. A artista Jenny Saville¹⁰, britânica, trabalha com a pintura de corpos femininos "reais", mulheres obesas, com deformidades, e cicatrizes.

Na obra "*Bleach*" (2008), a artista utiliza-se de uma pintura massificada de tinta, e de pinceladas soltas para apresentar uma face em estado de dilaceração. "*Bleach*" é um autorretrato onde a artista enfatiza sua pele, o fervor da carne. Saville traz em suas obras também a figura de transexuais, ela busca incluir pessoas que ela trata como "gênero flutuante", os transgêneros. A obra "*Passage*" (2004) refere-se a uma abordagem em que Saville começa a questionar a caracterização do corpo feminino, apresenta uma mulher trans com características normais a sua pesquisa, um corpo natural, com suas imperfeições e por si só fora dos padrões.

Figura 5: Jenny Saville, *Bleach*, 2008, Óleo sobre tela, 252 x 187 cm.¹¹



10 Jenny Saville nasceu em 7 de maio de 1940, em Cambridge, no Reino Unido.

11 Fonte da Figura 5: : <http://www.artnet.com/artists/jenny-saville/bleach>

Figura 6: Jenny Saville, *Passage*, 2004, Óleo sobre tela, 336 x 290 cm.¹²



Considerações Finais

As mulheres atualmente estão cada vez se inserindo mais nos espaços de arte, passaram a ocupar um espaço que anteriormente as mantinham ocultas. A arte feminista, que surgiu como uma reação à pretendida heteronormatividade compulsória no meio artístico, ainda resiste. A contemporaneidade veio para abrir espaço para que as/os artistas pudessem se reinventar, renovar os seus conceitos, repensar o papel da arte em meio ao contexto político em qual vivemos e levar em conta as subjetividades que emergem a cada dia. A reconfiguração de um corpo feminino nas artes abre portas para uma discussão que vai muito além do caráter estético, está tratando também de questões políticas, da mulher enquanto sujeito numa sociedade heteronormativa. Considerar essa (des)construção na configuração de mulher no meio artístico é um

12 Fonte da Figura 6 :<https://parkstoneinternational.wordpress.com/2015/10/15/jenny-saville-bares-all/>



começo para questionar-se a apresentação de outras reconfigurações do sujeito artista. A arte, assim como outras áreas do conhecimento, necessita com urgência absorver e potencializar discussões sobre a construção do gênero, e a criação de identidades nesse contexto contemporâneo.

Referências

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras**. Fapesp, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Le Deuxième Sexe. Nova Fronteira, Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. La Domination Masculine. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NEAD, Lynda. **El desnudo feminino: Arte, obscenidade y sexualidad**. Madrid: Editorial Tecnos, 1998.

NOCHLIN, Linda. **"Why Have There Been No Great Women Artists?"** New York: Basic, 1971.

ROTTERS, Eberhard. **Simbolismo da Imagética na obra de Hannah Höch**. In: Hannah Hoch 1889-1978 Colagens. Ostfildern: Instituto de Relações Culturais com o Exterior, VG Bild-Kunst e Autores, 1984.



The Use of the Female Body as a Support for a Political Speech in the Visual Arts

ABSTRACT: The main objective here is investigating the use of the feminine body as a support and/or a start of a political discourse for Visual Arts. This paper aims to show the importance of feminist art for an increasing deconstruction of an idealized representation of the feminine in a patriarchal society based on control, in heteronormativity. Some artists are considered here: Jenny Saville, Hannah Hoch and Hannah Wilke. They work with different languages of Visual Arts and play a key role in deconstructing a representation of the feminine. In their own way all of them discuss the role of women in society as well as the space given to women.

KEYWORDS: Art. feminine, body, deconstruction, heteronormativity.

Leticia HONÓRIO

Graduanda no Curso de Artes Visuais – Bacharelado em Desenho e Plástica, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante do Laboratório de Arte e Subjetividades (LASUB). Bolsista de Iniciação Científica CNPq/UFSM, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Rosa María Blanca.